

# PÁTRIA DE UM E DE OUTROS: A INFÂNCIA E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO\* NAS PÁGINAS DOS CADERNOS ESCOLARES (1923 – 2003)

## ONE AND OTHERS' HOMELAND: CHILDHOOD AND THE FORMS OF SUBJECTIVATION IN THE PAGES OF SCHOOL NOTEBOOKS (1923–2003)

Luciane Sgarbi Graziotin 1  
Betina Schuler 2

**Resumo:** O estudo tem como fonte cadernos escolares do HISALES, um centro de memória e pesquisa com foco na História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares. O corpus da pesquisa é formado por um conjunto de 36 cadernos produzidos entre 1923 e 2013. O objetivo do estudo é circunscrever as regularidades e os deslocamentos discursivos descritos a partir da análise dos cadernos, entendendo-os como importantes artefatos que atravessam as infâncias e suas concepções de realidade, produzindo modos de subjetivação. O trabalho segue os preceitos metodológicos da Análise Documental Histórica. Parte-se de uma inspiração genealógica em Nietzsche (2006) e Foucault (2003a) para lidar com a história sem recorrer a um sujeito fundante. O processo analítico permitiu problematizações acerca de uma produção discursiva relacionada ao patriotismo, que aparece desde os anos 1920 fortemente vinculado à obediência a Deus e à pátria.

**Palavras-chave:** Cadernos escolares. Infância. Patriotismo. Análise Documental Histórica.

**Abstract:** The study has as source school notebooks from the HISALES, a center of memory and research with focus on History of Literacy, Reading, Writing, and School Books. The research corpus is formed by a set of 36 notebooks produced between 1923 and 2013. The objective of the study is to circumscribe the regularities and discursive displacements described from the analysis of the notebooks, understanding them as important devices that cross infancies and their conceptions of reality, producing subjectivation forms. The research follows the methodological framework of the Historical Documentary Analysis. It set outs from a genealogical inspiration in Nietzsche (2006) and Foucault (2003a) to deal with history without appealing to a foundational individual. The analytical process allowed discussions concerning a discursive production related to patriotism, which appears since the 1920s strongly tied with the obedience to God, the homeland.

**Keywords:** School notebooks. Childhood. Patriotism. Historical Documentary Analysis.

---

Possui Pós-doutorado na UNED em Madri (bolsa CAPES, 2017). 1  
Atualmente é professora e pesquisadora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0388501284300091>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5648-3855>.  
E-mail: [lsgarbi@unisinos.br](mailto:lsgarbi@unisinos.br)

Pós-doutorada em Educação pela Universidade de Lisboa, Portugal. 2  
Atualmente é Docente na Escola de Humanidades e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5324014715865436>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2424-7601>.  
E-mail: [beschuler@unisinos.br](mailto:beschuler@unisinos.br)

---

\*Revista Humanidade e Inovação – Universidade Estadual do Tocantins: Dossiê infância, Artes e Patrimônio Educativo – no prelo.

## Introdução

Faz tempo que tanto a antropologia, como a História e a História da Cultura escrita [...] vêm chamando a atenção sobre a materialidade mais comum e ordinária da razão gráfica, isto é, sobre quantos produtos denotam uma consagração da mesma, preferencialmente instrumental e rotineira<sup>1</sup> (CASTILLO GOMES, 2008, p. 9).

Este estudo tem como fonte cadernos escolares, objeto de um patrimônio histórico educativo, cuja materialidade é de fato comum e ordinária, trazendo aspectos da cultura escolar vinculados, justamente, aos seus sentidos rotineiros. Muito próximo ao perigo do descarte, os cadernos por nós pesquisados pertencem ao HISALES<sup>2</sup>, espaço que se configura em um centro de memória e pesquisa com foco na História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares. Desse conjunto documental, pesquisamos 36 cadernos entre os anos de 1923 a 2013, os quais já se encontravam digitalizados até os anos 1960; os demais foram por nós digitalizados.

Segundo Castillo Gómez (2002), nos anos de 1990, os estudos sobre a cultura escrita tiveram um incremento nas pesquisas acadêmicas. Chegaram à segunda década do século XXI como um espaço fértil de investigação, o que tem muito a ver, segundo o autor, com as inquietações despertadas pela percepção das “[...] transformações importantes e paralelas nas técnicas de produção da escrita, nos suportes de sua difusão e nas modalidades de sua apropriação” (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 15).

O autor alerta que o direcionamento do campo da História da Educação para o estudo dos objetos escritos ganha fôlego, em um primeiro momento, com pesquisadores italianos, responsáveis pelas pesquisas relacionadas às escritas infantis no início dos anos de 1990. No estudo dos cadernos, destacam-se os espanhóis, no início dos anos 2000 (CASTILLO GÓMEZ; SIERRA, 2008). Os artefatos escolares, impressos e manuscritos ganham visibilidade aliando, portanto, estes dois eixos de investigação: cultura escrita e História da Educação – aspectos que, nas últimas décadas, articulam-se, também, à Sociologia e à Filosofia da Educação.

Não vamos nos deter aqui em fazer uma retrospectiva dos aproximados cinco mil anos que abarcam o que é conhecido, no ocidente, sobre a História da Cultura Escrita, mas buscamos problematizar e indicar a potência de uma pesquisa, de caráter regional, porque circunscrita ao Rio Grande do Sul, que investiga artefatos escritos no sentido de ampliar as perspectivas de estudos no campo da História e da Filosofia da Educação. O foco desta pesquisa está vinculado aos usos da escrita no conjunto das práticas cotidianas relacionadas à educação e às formas de expressão identificadas nos textos articulados à regularidade de alguns enunciados nos cadernos escolares examinados.

Esses eixos nos permitiram problematizações acerca de uma produção discursiva relacionada ao patriotismo, que apareceu nos anos 1920 fortemente vinculado à obediência à Deus, à pátria e à luta pela democracia e pela república. Nos anos 1940, essa ideia se reforçou com a perspectiva de que aquele que não ama a sua pátria é um “monstro”. Já na década de 1950, instaurou-se a necessidade de desmatamento e queimadas em nome da pátria, em nome do Brasil, esse “gigante agrícola”. Nas décadas de 1960 e 1970, apareceu, fortemente, o enunciado de que a pátria precisaria ser defendida e de que a ela seria devida obediência. Uma questão visibilizada nos enunciados é a de que índios, por exemplo, precisariam ser “civilizados”.

Na década de 1990, parece-nos haver a inserção de outras pautas sociais. Percebe-se,

1 As traduções dos autores espanhóis utilizados foram traduções livres feitas por nós do espanhol para o português.

2 O HISALES – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Coordenado pelas professoras Dra. Eliane Peres, Dra. Vania Grim Thies e Dra. Chris de Azevedo Ramil, reúne alunos de graduação e de pós-graduação, contemplando ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisas. Trata-se de um arquivo especializado nas temáticas de alfabetização, leitura, escrita e livros escolares, sendo constituído de diferentes acervos.

pela primeira vez, um discurso antirracista, mas que iguala a chegada de alemães, italianos e africanos no Brasil, ou seja, não problematiza ou menciona a escravidão. Por fim, na década de 2000, novamente, a ideia de pátria e a de família aparecem juntas, permeadas pela necessidade do trabalho. Destacamos que, dos 36 cadernos analisados, valemo-nos de 11 deles para destacar a regularidade do enunciado.

O objetivo deste estudo é, portanto, circunscrever as regularidades e deslocamentos discursivos descritos a partir da análise dos cadernos escolares, entendendo-os como importantes artefatos que atravessam as infâncias e suas concepções de realidade, de verdade, de bem, entre outros, ou seja, como importantes artefatos que estão atravessando e produzindo modos de subjetivação. Entendemos a produção discursiva no sentido desenvolvido por Foucault, que confere poder ao discurso quando afirma que:

Em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8).

Desse modo, segundo Foucault (2005, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nós queremos apoderar”. A análise proposta articula, portanto, os cadernos, suportes utilizados para a cultura letrada, em sua relação com a produção de modos de subjetivação em se tratando das infâncias, quando atravessadas pelo enunciado do patriotismo. Buscamos, assim, circunscrever e examinar as características desses aspectos, percebendo, por meio das regularidades de determinadas práticas, possíveis singularidades e/ou sua relação com o contexto nacional e global.

Problematizar a educação de uma região, os vínculos com doutrinas religiosas, o espaço social construído, os regimes políticos, as ênfases nacionalistas ou não, são aspectos que se constituem em dimensões da educação cuja visibilidade depende das investigações acadêmicas, que, neste artigo, buscam articular a constituição de enunciados sobre patriotismo nos cadernos escolares e a produção das infâncias.

### **Cadernos escolares como patrimônio educativo**

Destacamos aqui a complexidade implicada no processo de perceber “[...] as consequências sociais e culturais, da cultura letrada, na materialidade de seus produtos no seu vínculo com as práticas escolares” (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 18) – materialidade e vínculo corporificados, neste estudo, pela análise do que se considera hoje uma dimensão de um patrimônio histórico educativo: os cadernos escolares, tomados como documento.

As fontes efêmeras, como cadernos, cartas, diários e um sem-número de escritas privadas, foram por muito tempo desconsideradas em seu valor documental nas pesquisas de cunho historiográfico. Essa efemeridade se relaciona a todos os registros que não são perenes, pois não foram feitos para durar. São, na sua grande maioria, privados e têm caráter passageiro; cumprem um papel em um tempo curto e, portanto, são considerados descartáveis, pouco importantes.

É, no entanto, por meio dessa documentação que investigações contemporâneas identificaram e problematizaram as práticas cotidianas, o prescrito e o executado. A compreensão sobre elas foi teorizada por meio dos estudos de Certeau (1994, p. 42), que as entende como “[...] maneiras de pensar investidas de maneiras de agir”, constituindo-se em elemento emblemático para pensar a cultura escrita relacionada às elites, aos imigrantes de determinadas etnias, aos religiosos, aos operários, aos professores e, no caso do nosso estudo, aos alunos e alunas que, ao

longo de quase um século, no estado do Rio Grande do Sul, foram atravessados em sua subjetivação<sup>3</sup> pelo discurso do patriotismo, a partir de diferentes textos e exercícios de leitura e escrita.

Na América Latina, um dos trabalhos considerados precursores dessa temática foi o desenvolvido por Silvina Giwrtz (1997) na Argentina. A pesquisadora trabalha com os estudos de currículo, focando nas práticas pedagógicas a partir dos conteúdos operados em escritas escolares (“cadernos de classe”), tal como um dispositivo de poder que articula saberes. De lá para cá, pesquisas envolvendo esse artefato da cultura escrita e da cultura escolar vêm sendo realizadas em diferentes campos, em temáticas e concepções teóricas diversificadas. Obviamente, não temos a pretensão de mapear todas as produções acadêmicas que têm a análise de cadernos em seu escopo, tarefa impossível, mas aqui destacamos algumas que serviram de inspiração para essa e tantas outras investigações.

Ana Chrystina Mignot, em 2008, organizou a obra “Cadernos a vista: escola, memória e cultura escrita” (MIGNOT, 2008), na qual um conjunto de quinze artigos tematiza esse suporte como fonte na História da Educação. Jean Hérbre é um reconhecido pesquisador francês que teorizou sobre as escritas em suportes efêmeros em textos publicados no Brasil; o primeiro, talvez, encontra-se na obra “Refúgios do Eu”, de 2000 (HÉRBRER, 2000). Nela o autor desmistifica os usos dos documentos marginais, indicando suas potencialidades para a pesquisa em História da Educação. O mesmo autor, em 2012, escreve “Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX)”, no qual entende que a escola francesa do século XIX não mais restringe suas ambições a uma alfabetização limitada a “somente ler” ou mesmo a ler, escrever e contar. Ela visa difundir vários “*savoir-faire*” complexos que permitem a cada criança entrar nas múltiplas funcionalidades da escrita.

O caderno escolar, que substitui, então, a simples folha de papel, torna-se o espaço de escrita no qual se registra majoritariamente, por um longo período, a maioria das aprendizagens. O estudo dos cadernos escolares aparece, assim, como um exemplar privilegiado da aplicação dos métodos da bibliografia material aos objetos manuscritos portadores de escrituras.

No artigo “Os traços de caligrafia, indícios de um tempo escolar”, Grazziotin e Gastaud (2013) analisam um caderno de caligrafia de 1943 pertencente a uma aluna de escola privada do interior do Rio Grande do Sul. Entre as categorias produzidas, destaca-se a imersão nos discursos ufanistas e patrióticos presentes nas frases repetidas dezenas de vezes pelas crianças para garantir a ortopedia da letra, o que muito nos interessa para esta pesquisa em especial.

Em “Escritas que cruzam o tempo: dos diários de classe aos cadernos de anotações da Professora Maria Franca Pires (Juazeiro, 1957-1985)”, Cusati, Santos e Ávila (2017) tomam como fontes de pesquisa dois cadernos e um diário de classe produzidos pela referida professora e seus alunos no período entre as décadas de 1950 e 1980, e analisam aspectos das memórias educativas, culturais e sociais do município de Juazeiro-BA.

Para pensar o “tempo” como dimensão de análise, Schuler (2019) problematiza a forma como as crianças vêm se relacionando com o tempo, por meio do exame de cadernos escolares datados de 1923 a 2016, recolhidos no estado do Rio Grande do Sul, e a partir do exame de oficinas realizadas com alunos e professores em escolas públicas.

Já Thies (2020) trabalha com 55 cadernos de uso não escolar como um artefato cotidiano, categorizando seus usos e produzindo, por meio desse estudo, dez possibilidades diferentes de utilização desse suporte.

Nesse breve recorrido, percebe-se, em alguma medida, a potência dos cadernos escolares como produtores de vestígios da escolarização; dos modos de pensamento e existência dos sintomas de uma sociedade de normalização; das práticas fundamentadas em uma lógica da representação. Tais práticas colocam a escrita e a leitura na escola para serem operadas como uma questão de habilidade técnica; como decifração de um código e seu registro; como um meio de reproduzir um conteúdo dado *a priori*, para confirmar um conhecimento já estabelecido; e como forma de

3 “[...] Foucault rompe com a noção de sujeito identitário, fixo, essencializado, original, soberano, intencional que poderíamos encontrar em todos nós. O que teríamos seria a história do sujeito, os modos de subjetivação, e o que irá interessar será a constituição desses modos de ser, em suas relações de poder, saber e o si” (SCHULER, 2013, p. 72).

4 Um saber-fazer, uma perícia.

produção de determinados modos de pensamento e dos processos de subjetivação – nesse caso, atravessa fortemente as infâncias o valor do patriotismo.

### Modos de fazer a pesquisa

O estudo cujos resultados ora apresentamos está vinculado a dois projetos de pesquisa. Um diz respeito a uma “gramática escolar” e a suas possibilidades para a pesquisa em História da Educação, que compreende aspectos da produção, conservação e utilização de documentos escolares salvaguardados em espaços de custódia, dentro de uma perspectiva historiográfica que problematiza a produção de uma cultura escolar, baseada em Julia (2002) e Viñao Frago (2006); e considerando estudos da cultura escrita, com base em Castillo Gomes (2002; 2008) e Sierra Blas (2008). O segundo projeto, vinculado à problematização das práticas de leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul e à produção de modos de subjetivação das infâncias, opera a partir de uma perspectiva genealógica com inspiração em Nietzsche e Foucault. Na intersecção dessas duas investigações, percebeu-se a potência de estudar, com as lentes da História e da Filosofia da Educação, a cultura escrita e as regularidades identificadas ao longo de noventa anos sobre a produção discursiva do valor do patriotismo presentes nos cadernos escolares entre 1923 e 2003.

Os fragmentos, restos de uma cultura escolar, presentes em museus, arquivos, memórias orais ou centros de memórias, como o do HISALES, viabilizam investigações que trabalham com documentos efêmeros. Assim, recorreremos ao conhecido, continuamente lembrado e sempre citado Pierre Nora, quando diz que

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13).

Nora destaca, ainda, que, se aquilo que os locais de memória defendem não estivessem ameaçados, não haveria a necessidade de que esses locais existissem: “Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis.” (NORA, 1993, p. 13). Como nos traz Ordine (2016), em tempos de um léxico empresarial e de crise econômica, coloca-se em perigo a existência de museus, livrarias, grandes bibliotecas e institutos de pesquisa, acreditando-se estar economizando dinheiro, quando se está, na verdade, condenando a educação e a cultura a um utilitarismo vazio.

No processo de pesquisa, utilizando os cadernos de alunos e alunas como documento, as problematizações de nossos estudos individuais foram responsáveis por essa produção coletiva. Trabalhamos, assim, com os preceitos metodológicos da Análise Documental Histórica, que ocorreu dentro do processo de fotografar as fontes e digitalizar todas aquelas cujo registro fotográfico foi autorizado. Do mesmo modo, partimos de uma inspiração genealógica em Nietzsche (2006) e Foucault (2003a) para lidarmos com a história sem recorrer a um sujeito fundante, a uma razão transcendental, uma vez que nos interessa, neste artigo, entender a força da valoração do valor de patriotismo e seu atravessamento na constituição das infâncias ao longo de quase um século no estado do Rio Grande do Sul. Assim, Nietzsche rompe com “[...] uma lógica metafísica, para apostar em uma história descontínua da valoração dos valores, negando o valor *em si* dos mesmos. [...] marcando os valores como históricos, sociais, culturais, isto é, não são eternos ou divinos, mas produções que se dão na imanência da vida” (SCHULER, 2013, p. 68).

Importa dizer que, para Samara e Tupy (2010), a relevância de uma fonte não é necessariamente definida pela sua materialidade. Desse modo, o entendimento das autoras vem ao encontro do nosso próprio e está em acordo com os pressupostos teóricos que amparam a utilização dos cadernos como fonte documental, uma vez que o rigor da pesquisa com fontes históricas enfatiza o conhecimento sobre o documento, e sua utilização está em direta relação com as informações sobre sua emergência, suas condições de produção e de custódia.

Garimpar fontes “marginais”, produzindo documentos com grau de inteligibilidade adequado

e possibilidade metodológica de pesquisa, constitui-se, assim, em um dentre os muitos desafios das propostas de investigação no campo da História da Educação. Desde aproximadamente os anos de 1990, esses documentos vêm sendo valorizados, tempo em que a historiografia como um todo se abriu a “novos temas, novos objetos e novos problemas” (LE GOFF; NORA, 1995).

Certeau (1982, p. 81) afirma que, “[...] em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar assim em ‘documentos’ determinados objetos repartidos de outra maneira”. O argumento para fazer uma pesquisa que se utiliza de documentos além daqueles ditos oficiais tem, na afirmativa de Certeau, um suporte para construir possibilidades outras de inteligibilidade quando do emprego dessas fontes em investigações para mobilizar a memória de um tempo e construir uma história possível.

## Discussão dos resultados: a valoração do valor do patriotismo e a produção das infâncias

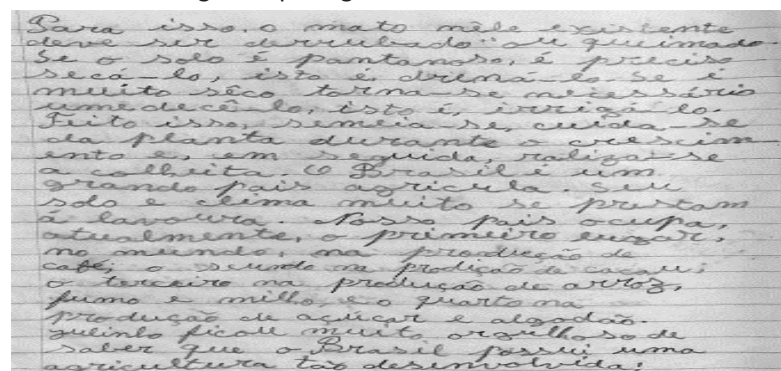
Nietzsche (2006, p. 9) nos questiona:

[...] sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e ‘mau’? e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?

A partir desse posicionamento genealógico, podemos criticar e problematizar os valores morais apresentados como intocáveis também pela escola durante praticamente um século, tais como o patriotismo como um valor e os modos por meio dos quais são operados, em se tratando da educação das infâncias. Destaca-se, pois, um regime de enunciação que fala de um modo de pensar e de estar no mundo, interessando-nos tomar a escrita escolar como prática por meio da qual os indivíduos são convidados, incitados, instigados a tomarem a si mesmos como objeto visível, narrável, passível de exame, correção e modificações. Esta pesquisa, entretanto, não se coloca como uma denúncia da escola, mas busca justamente problematizar seus funcionamentos e as possibilidades de invenção de algumas brechas.

Assim, trazemos alguns excertos dos cadernos escolares examinados na investigação para percebermos a regularidade do valor do patriotismo, fortemente vinculado aos enunciados de Deus, família e obediência, nomeando como “monstruoso” aquele que não ama a sua pátria. Na década de 1950, o patriotismo estava associado à devastação ambiental em nome da construção de um grande país agrícola, discurso esse que retornou nos últimos anos no Brasil.

**Figura 1.** Pátria Brasil como grande país agrícola



**Fonte:** Caderno de 1956-1957 (HISALES).

Desse modo, podemos pensar na força desse artefato escolar que são os cadernos como práticas possíveis de subjetivação, que estão ensinando o que as crianças têm por verdade, por realidade, por si mesmas e pelos outros. Daí a importância de problematizarmos o governo dessa população infantil, uma vez que esse discurso, como forte valor, identificado nos cadernos desde 1923, emerge com força, novamente, no cenário nacional, compreendendo a criança como um frágil e pequeno patriota, o qual precisa ser protegido de qualquer “imoralidade” e perturbação da ordem “natural” das coisas.

A seguir, podemos visualizar as transcrições dos excertos de onze cadernos que aqui escolhemos trazer para, assim, descrever a regularidade do valor de patriotismo ao longo do século XX na educação das crianças.

**Quadro 1:** Recortes dos cadernos escolares

|                   |   |
|-------------------|---|
| 1920              | <p>[...] selva e do nosso ouro. As vinte e uma estrelas representam os vinte e um estados da nossa federação: reunidos os distritos federais. O cruzeiro é o símbolo primitivo da terra de Santa Cruz; a legenda “ordem e progresso” cristaliza o supremo ideal da sociedade moderna.</p> <p>Assim como nos curvamos reverentes em face da imagem de Deus que adoramos, assim, devemos respeitosamente, assim devemos respeitosamente saudar a bandeira: que é a imagem resplandecente da pátria que tanto amamos.</p> <p>O hino é outro símbolo nacional, faz recordar a pátria com a veneração e o respeito de uma prece pronunciada diante de um altar, é a sua honra. Devemos, por isso, ouvi-lo sempre em pé e descobertos, aprendendo a repetir décor a sua letra e a sua música.</p> |
| 1943              | <p style="text-align: center;">Minha Pátria</p> <p>Sou criança brasileira, nasci nesse grande país que é o meu Brasil. São brasileiros todos que são filhos de estrangeiros. Todos nós amamos naturalmente a nossa pátria, a terra onde nascemos. Quem não ama a sua pátria é um monstro. O Brasil [...]</p>  |
| 1956<br>-<br>1957 | <p>[...] para isso, o mato nele existente deve ser derrubado ou queimado. Se o solo é pantanoso, é preciso secá-lo, isto é, drená-lo. Se é muito seco torna-se necessário umedecer, isto é, irrigá-lo. Feito isso, semeia-se, cuida da planta durante o crescimento e, em seguida, realiza-se a colheita. O Brasil é um grande país agrícola. Seu solo e clima muito se prestam à lavoura. Nosso país ocupa, atualmente, o primeiro lugar no mundo na produção de café; o segundo na produção de cacau; o terceiro na produção de arroz, fumo e milho, e o quarto na produção de açúcar e algodão. Julinho ficou muito orgulhoso de saber que o Brasil possui uma agricultura tão desenvolvida [...]</p>  |
| 1960              | <p style="text-align: center;">Avante Companheiro<br/>Avante companheiro em frente<br/>unidos pela liberdade.<br/>Cantamos todos juntos a bandeira<br/>que prega a lealdade.<br/>Tiradentes nesse dia<br/>morreu por nossa liberdade<br/>vamo já saudá-lo<br/>pois ele foi o nosso mártir.</p>  |

|      |  |
|------|--|
| 1960 | <p>Brasil<br/>Brasil, Brasil<br/>Oh terra sem par<br/>Valentes no campo<br/>no céu e no mar<br/>teu povo feliz<br/>Pra sempre a de cantar<br/>Brasil, Brasil<br/>Oh terra sem par</p>  |
| 1967 | <p>Como é agradável a minha sala de aula!<br/>É para mim o melhor de toda a escola.<br/>As carteiras alinhadinhas parecem soldadinhos.<br/>Prontos a defender a pátria.<br/>E quando nós estamos estudando, escrevendo ou desenhando, somos os maiores defensores do Brasil.<br/>Com elas expulsaremos o grande inimigo: a ignorância.<br/>Na minha sala quente e risonha, o sol entra pela janela a esquerda e fica brincando no chão.</p> <p>Ditado<br/>A canção da cigarra<br/>Como está linda a festa de São João!<br/>O vaga-lume acende sua lanterninha.<br/>O grilo toca violino: cri, cri, cri...</p>  |
| 1970 | <p>Nós devemos progredir com o Brasil.<br/><br/>Devemos trabalhar para engrandecer nossa Pátria.</p>   |
| 1970 | <p>Grande amigo dos índios: Marechal Cândido Rondon; foi o criador do Serviço Nacional de Proteção aos Índios que protege os indígenas e procura civilizá-los.<br/><br/>Para você ilustrar desenhando [...]<br/><br/>[...] Que objetos não combinam com os índios daquele tempo? [...]</p>   |
| 1970 | <p>Diário da Semana da Pátria<br/>31 – Saímos às 8 horas para (levar) o fogo simbólico. Fui o que mais correu (5,4 km).<br/>Chegamos as 12 horas e 5 minutos.<br/>1º – Quando ia para a aula vi o colégio Getúlio Vargas marchando até a praça.<br/>A torcida estava bastante entusiasmada durante os jogos.<br/>Tirei guarda junto a pira da Pátria das 10h às 11h15min.<br/>2 – Assisti os jogos na praça.<br/>Tirei guarda das 11 horas às 12 horas e 15 min.<br/>3 – Fomos hastear a bandeira.<br/>Fui arriar a bandeira pois sou tamboreiro.<br/>Toquei pratos.<br/>A noite fui a praça assistir os jogos.<br/>4 – Fui dormir na barraca armada ao lado da prefeitura, logo após ter assistido os jogos.<br/>Tirei guarda das 11 horas às 12 horas e 30 min.<br/>5 – Não houve jogos devido ao mau tempo.</p> |



|      |   |
|------|---|
| 1970 | <p style="text-align: center;">A Educação Atual</p> <p>A educação é o principal fator de progresso de um povo. Para que haja progresso é necessário que o povo seja culto e preparado para promover e construir este progresso. No Brasil vemos que a educação se aprimora de ano para ano, acompanhando o acelerado ritmo de evolução e de progresso.</p> <p>Não se pode comparar as facilidades que se encontram hoje e as que havia alguns anos atrás. Hoje em dia é comum encontrar-se pessoas que tenham faculdade, enquanto alguns anos atrás era considerado privilegiado aquele que tivesse estudado mesmo que só um ano em uma faculdade, pois somente as pessoas de muitas posses é que podiam cursar ou, dificilmente, se formar em algum curso superior.</p> <p>São vários os fatores que contribuem para a educação.</p> <p>Os nossos primeiros mestres são os nossos pais, que nos ensinam a falar e nos ensinam a amar e dirigem nossos primeiros passos na caminhada difícil da vida.</p> <p>Depois da família vem a educação religiosa, cívica, escolar, moral e social, sendo que todas são de grande importância e juntas promovem a cultura e o desenvolvimento de um povo.</p> <p>O governo atual preocupa-se muito com a educação brasileira, destinando para este fim vultosas somas e incentivos inúmeros, pois compreende que somente poderá existir progresso, quando o povo estiver bem instruído e ciente de seu papel no desenvolvimento do país, mas para isso é necessário que se eduque o povo.</p> <p>Felizes são as crianças e os jovens de hoje, pois recebem uma educação mais aprimorada e mais sadia do que antigamente, quando o preparo dos pais era bem menor, como menor era também a preocupação, por parte dos responsáveis, pela educação integral do homem.</p> <p>Trabalhemos pela educação do nosso povo e estaremos construindo uma pátria sempre maior.</p> |
| 1976 | <p style="text-align: center;">Meu coração é pequeno<br/>Para conter o amor que sinto pela minha pátria<br/>Meu coração é pequeno para conter o amor que sinto [...]</p> <p style="text-align: center;">Que sentimos ao ver nossa bandeira desfraldada em país estrangeiro?<br/>Somos capazes das maiores audácias para defendê-la de uma afronta e livrá-la de uma derrota.</p>  |
| 1976 | <p style="text-align: center;">Cumpra o dever e serás feliz.<br/>Oração principal – cumpra o dever<br/>Oração incompleta – e serás feliz<br/>Sujeito cumpra<br/>Predicados serás / cumpra</p>   |
| 1995 | <p style="text-align: center;">Origem do povo brasileiro</p> <p>Quando os portugueses chegaram aqui 1.500 os índios já habitavam essas terras. Mais tarde vieram outros povos como os abaindesses agoríanos africanos, alemães, italianos e mais recentemente os japoneses e muitos outros que vieram e fixaram residência. Entre esses povos houve formação de famílias, originando uma grande mistura de raças. Basaram entri-si e originaram o povo de hoje.</p> <p>Por tanto, não podemos aceitar o racismo que significa desvalorizar uma raça, pois em nosso sangue corre todas essas raças graças a nossos ancestrais.</p>   |

|             |   |
|-------------|---|
| <p>2003</p> | <p>Vire a folha</p> <p>Interpretação:</p> <p>Brasil, Pátria amada</p> <p>A família é uma comunidade<br/>Pátria é a união das famílias<br/>Pátria é a nossa grande família<br/>A Pátria é uma comunidade<br/>A pátria é a nossa casa,<br/>nosso lar,<br/>nosso bairro,<br/>nossa cidade,<br/>nosso Município,<br/>nosso Estado,<br/>nosso País,<br/>Nossa terra é o campo,<br/>É a cidade.</p> <p>Nossa gente é o trabalhador do campo<br/>é o trabalhador da cidade.<br/>Também é Pátria:<br/>a soma dos problemas<br/>de nossa terra, de nossa gente<br/>e o esforço de todos para resolvê-los.<br/>Nossa gente é a nossa família,<br/>são nossos irmãos, nossos companheiros.<br/>Somos todos nós que<br/>trabalhamos juntos<br/>para sermos livres e<br/>não dominados por<br/>ninguém.</p>  |
| <p>2003</p> | <p>Viver em liberdade<br/>Lucília Prado</p> <p>Paulinho estava de férias e, todos os dias, cavalgava com Zico e Cido, empregados da fazenda.</p> <p>Naquela manhã, após andarem muito sobre um pasto cheio de buracos, a barrigueira do cavalo de Paulinho afrouxou, o arreio rodou e o menino foi ver se o chão era duro.<br/>Que tombaço!!!</p> <p>Estavam procurando umas vacas fugitivas e, como já tivessem gastos muitas horas na procura, em vão, Paulinho perguntou:</p> <p>– Por que as vacas fogem de um pasto bom como aquele beira-casa?<br/>– Todo animal, quando encontra buraco na cerca, foge, Paulinho! Pois se até o homem, que está preso, experimenta deixar a porta da cadeira aberta para ver o que acontece – disse Cido.</p> <p>– É certeza: ele foge – respondeu o menino, os olhos brilhando.<br/>– Se foge... E passarinho? Deixa a porta da gaiola aberta... – falou Zico.<br/>Paulinho pensou, os olhos nos pastos. Pensou, depois disse:<br/>– Quer dizer: todo mundo nasce para viver em liberdade...<br/>– Pra mim, a liberdade é o bem maior que um homem tem, falou Cido.<br/>Zico estava sério, uma altivez nos olhos:<br/>– Se fosse para viver preso, eu preferia não ter nascido.</p> |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

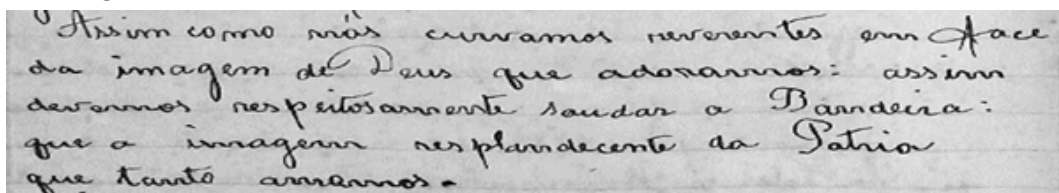
Com base nos excertos visualizados no Quadro 1, optamos por uma inspiração a partir perspectiva genealógica de análise que não busca tomar o patriotismo como um universal, um valor dado e indiscutível. Problematiza-o, no entanto, como um forte valor produzido e valorado de certas formas nessas práticas discursivas, que atravessou a produção das infâncias durante essas décadas, produzindo os modos como os indivíduos se relacionam consigo, com os demais, com o mundo.

Desse modo, podemos pensar com Dubet (2011) que, mesmo que a escola moderna, herdeira do racionalismo e do iluminismo, tivesse a pretensão de opor essa escola pública, laica e obrigatória à influência religiosa, tal instituição se coloca tão sagrada quanto a Igreja na busca de constituir uma moral comum por meio de uma lógica universal. A partir do estudo da escola francesa, o autor aborda o quanto as democracias nacionais, ou regimes totalitários, forjam essa figura do patriota por meio de um ideal de nacionalismo que unificaria línguas, costumes e modos de vida. O que nos interessa aqui é interrogar o valor do patriotismo, filiado ao valor da obediência, da família e da religião, que atravessou quase um século nesses cadernos escolares, para pensar o quanto os alunos e as alunas aprenderam uma determinada relação consigo mesmos por meio desse enunciado operado como um universal.

Assim, podemos desnaturalizar o valor do patriotismo e pensá-lo como sendo construído em práticas históricas, em diferentes relações de poder e saber, que não terão qualquer fundamento metafísico e universal. Aqui não se trata de esmiuçar tema por tema ou exercício por exercício, mas de pensar no regime de verdade que se inscreve e no modo como coloca em funcionamento um determinado modo de existência. Skliar (2014) nos provoca a pensar quando problematiza a força de evidência com a qual a escrita se coloca na escola, como se ela sempre estivesse ali daquela forma. Problematiza, pois, o confinamento ao exercício de sua correção e adequação ao que se pede para escrever.

Por meio da promessa da liberdade vinculada ao patriotismo, podemos analisar as práticas nesses cadernos escolares como uma maquinaria moral que opera com efeitos de verdade, porque justamente funciona através de um dispositivo escolar e de valores religiosos inquestionáveis. Todavia, é possível pensar que, em outra perspectiva, esses sujeitos teoricamente livres, que teriam a possibilidade de escolherem pelo Bem, pela Pátria, por Deus (conforme excerto abaixo), estão sendo produzidos em seus modos de existência nesta maquinaria não apenas de registro, mas de subjetivação, o que pode ser visibilizado nos cadernos escolares.

**Figura 2:** Pátria, Deus e obediência



**Fonte:** Cadernos de 1923 (HISALES).

Na sequência desta discussão, podemos tomar a verdade não como algo com um sentido em si mesmo, como um valor universal, mas como um valor que esqueceu sua condição de invenção. A partir disso, Foucault nos alerta para pesquisarmos não as condições de validade, mas de possibilidade para um discurso verdadeiro. Desse modo, podemos tomar a verdade como um dos principais efeitos do poder, produzida nesse mundo a partir de inúmeras coerções. Entende-se, portanto, que "[...] não se trata de um combate 'em favor' da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha" (FOUCAULT, 2003b, p. 13).

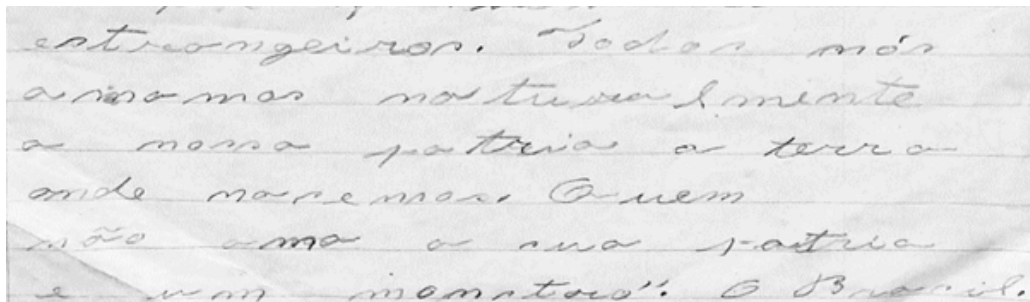
Na esteira de uma lógica de um poder pastoral na qual um pastor guia suas ovelhas que lhe devem obediência incondicional, podemos destacar todo um deslocamento para uma governamentalidade<sup>5</sup> que busca não mais a condução das almas, mas a condução política dos

<sup>5</sup> Termo trazido por Foucault (2008) como o campo estratégico das relações de poder, no qual se dão a condução das condutas. Pode ser pensado como um modo de racionalidade governamental imanente aos micropoderes, tendo na população seu principal objetivo, fazendo os recortes entre o que cabe ou não ao Estado, separando o

homens, entrecruzando a figura da população, a obediência, a livre escolha e a necessidade de nos defendermos: uns contra os outros em nome da pátria.

O outro seria aquele “monstro” (conforme excerto abaixo) que não ama a sua pátria. Todavia, não se discutem os sentidos dessa pátria e desse amor vinculados à obediência e a toda uma normalização de modos de existência. Daí que, de uma lógica de um rebanho a ser protegido e salvo, passamos para uma lógica da defesa de uns contra os outros, de uma pátria que precisa ser defendida, principalmente dos perigos internos – neste caso, do outro (FOUCAULT, 2008). E quem são os outros? Aqueles que não amam a sua pátria, que não são obedientes como bons soldados; os indígenas, que precisam ser “civilizados”.

**Figura 3:** Pátria de uns e de outros



**Fonte:** Caderno de 1943 (HISALES).

E se faz interessante pensar, segundo a Figura 4, que, na década de 1950, há um forte enunciado de que as matas devem ser derrubadas em nome da construção de um grande país agrícola. Passadas algumas décadas, toda a discussão ambiental a que hoje temos acesso faz-nos pensar a força desses enunciados, que continuam circulando e produzindo efeitos de poder ainda no presente quando se defende, em nível federal<sup>6</sup>, o desmatamento da Amazônia em nome do progresso econômico. Assim como na década de 1970, aparece a necessidade de “civilizar” os indígenas, conforme podemos perceber no excerto abaixo – enunciado que volta a circular com força no presente<sup>7</sup>, de modo que os indígenas são apresentados como aqueles que impedem o progresso nacional e a exploração da terra para melhores fins econômicos.

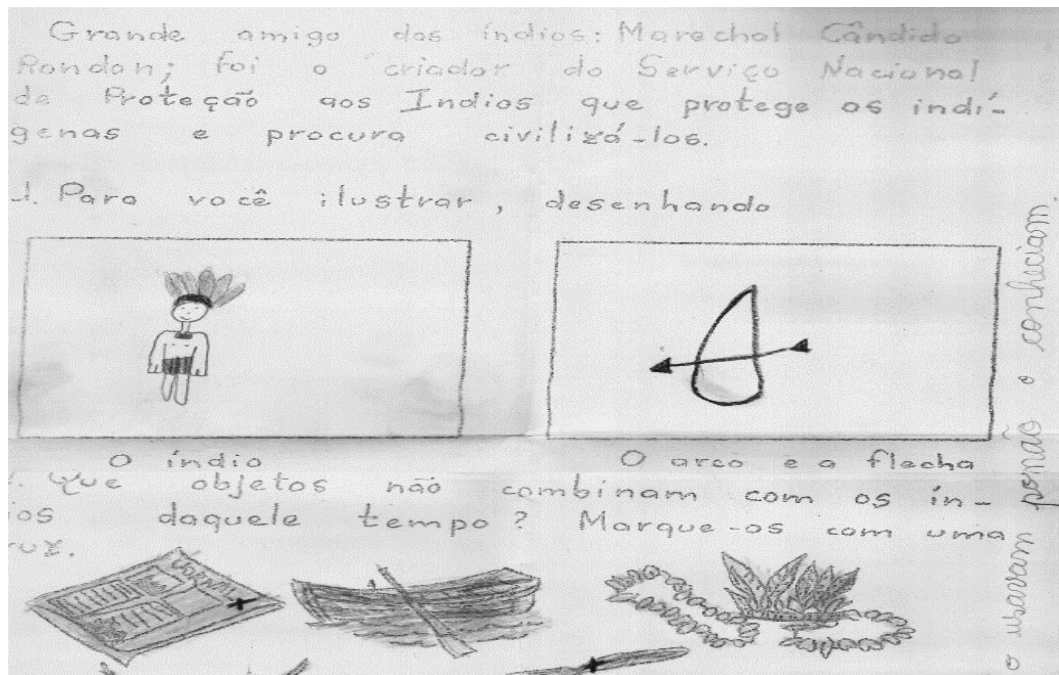
---

público do privado, o que hoje se borra nas práticas escolares. Esse conceito de governamentalidade diz respeito ao controle da população, focado nos mecanismos de segurança. Somos levados a nos reconhecermos como parte de uma nação, de um Estado, sob suas normas e leis. É uma racionalidade que põe em funcionamento variadas técnicas e saberes científicos para verificação e melhora das condutas, da riqueza, da saúde, da educação, da pacificação. A governamentalidade cruza as técnicas disciplinares, o exercício do biopoder na gestão da população e as condutas de si mesmo como práticas de governo, tendo na economia política seu principal saber. São táticas de governo, seja dos outros ou de si mesmo.

<sup>6</sup> Informações disponíveis em: <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2019/08/sou-capitao-motosserra-afirma-bolsonaro/>;  
<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/28/governo-suspende-operacoes-contras-desmatamento-na-amazonia-e-queimadas-no-pantanal>.

<sup>7</sup> Informações disponíveis em: <https://www.metro1.com.br/noticias/politica/33471,bolsonaro-critica-gasto-federal-com-indigenas-e-diz-que-quilombolas-nao-fazem-nada>.

**Figura 4:** Pátria e os indígenas civilizados



**Fonte:** Caderno de 1970 (HISALES).

Podemos compreender, por meio de nossas análises, como esses modos de existência foram sendo produzidos ao longo de décadas e que tornam possível essa onda neoconservadora que vivemos no presente. Isso porque o único *a priori* que temos é o histórico, o que nos permite problematizar essa metanarrativa de pátria como se fosse uma ordem natural do mundo. Então, em vez de perguntar se isso é verdadeiro ou falso, preferimos perguntar como esse valor do patriotismo, vinculado a obediência, religião e militarização, constituiu-se como verdadeiro por meio dessas práticas discursivas analisadas nos cadernos escolares.

## Considerações Finais

Aqui podemos retomar esses cadernos escolares atravessando a produção das infâncias na escola, a partir de: um regime funcionando por meio de uma escrita como explicação, como se o mundo estivesse dado e fosse apenas transcrito pela linguagem; acumulação, lógica enciclopédica que reduz o exercício do pensamento ao conhecer; e uma escrita apartada da vida, que não se coloca para pensar sobre o mundo em que vivemos, sobre as coisas que nos cercam, nos passam, nos produzem, sobre o nosso tempo – e que não problematiza a valoração dos valores.

Para pensar esse regime funcionando por meio dessa vontade de verdade, dessa vontade de representar um mundo que estaria dado e precisaria apenas ser comunicado, desse regime que parte de uma identidade patriota como dada em si mesma, é que buscamos uma problematização desse regime político de escrita que opera em um faz-de-conta social na forma de lidar com as infâncias, reduzindo as suas escritas à sua função gramatical e comunicativa. E isso pode e deve ser questionado no presente, em tempos de avanço de preceitos morais ultraconservadores que buscam reduzir a escola à transmissão de informações técnicas livres de qualquer discussão moral, como traz, por exemplo, a proposta da Escola sem Partido, como se houvesse algum conteúdo escolar que existisse fora do mundo, da cultura, de certa valoração dos valores.

Assim, o patriota obediente como um soldado e crente irá ser operado como um modelo de existência, em se tratando das subjetivações infantis que atravessaram quase um século nesses cadernos analisados. Por isso, se passamos grande parte de nossas vidas na escola e se passamos grande parte desse tempo escrevendo, essas práticas “fazem coisas conosco”, produzem modos de pensar, de viver, de nos relacionarmos conosco mesmos e com os demais.

Então, podemos tomar a escrita não apenas como um código a ser decifrado e reproduzido, mas como uma prática ética, estética e política que problematize a valoração dos valores no presente e os modos de existência. Talvez toda essa problematização nos faça compreender a força do discurso da extrema direita, conservadora e excludente, que vem ganhando força no Brasil e no mundo nos últimos anos. São discursos que enfatizam o patriota como aquele homem branco, heterossexual, cristão, empregado, obediente e defensor de sua propriedade. O patriota seria aquele que defende essa perspectiva positivista de ordem e progresso, a exclusão e/ou a normalização daqueles colocados no lugar de “outro”; que generaliza valores morais em nome de valores cristãos, naturalizados de forma binária – e aqueles que diferem dessa moralização são considerados um perigo a ser combatido em nome da Pátria.

## Referências

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. El tiempo de la cultura escrita. A modo de introducción. CASTILLO GÓMEZ, Antonio. (coord.). **Historia de la cultura escrita**. Del próximo oriente antiguo a la sociedad informatizada. España: Ediciones Trea, 2002. p. 15-25.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Prólogo: Escrituras cotidianas en contextos educativos. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica. **Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglo XIX y XX)**. España: Ediciones Trea, 2008. p. 9-16.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA, Verónica. **Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglo XIX y XX)**. España: Ediciones Trea, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CUSATI, Iracema Campos; SANTOS, Mário Ribeiro dos; ÁVILA, Virgínia Pereira da Silva de. Escritas que cruzam o tempo: dos diários de classe aos cadernos de anotações da Professora Maria Franca Pires (Juazeiro, 1957-1985). **Revista Brasileira de história da Educação**, Maringá, v. 17, n. 4, p. 256-289, 2017.

DUBET, François. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 289-305, maio/ago. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 18. ed. São Paulo: Graal, 2003a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 18. ed. São Paulo: Graal, 2003b.

GIWRTZ, Silvina. **Del currículum prescrito al currículum enseñado: una mirada a los cuadernos de clase**. Buenos Aires: Aique Grupo Editor S.A., 1997.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; GASTAUD, Carla. Traços no tempo – caligrafia, formas e

sentidos. **História da Educação**, Pelotas, v. 14, p. 207-226, 2010.

HÉRBRAR, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. *In*: MIGNOT, Ana Mignot Chrystina; BASTOS, maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Refúgios do Eu**: Educação, História, escrita biográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29-62.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

MIGNOT, Ana Mignot Chrystina (org.). **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Eduarj, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Tradução de Luiz C. Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SCHULER, Betina. A genealogia e as possibilidades de pesquisa em educação. *In*: STECANELA, Nilda. **Diálogos com a educação**: a escolha do método e a identidade do pesquisador. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. p. 67-84. (Diálogos com a Educação, 2).

SCHULER, Betina. Ler e escrever como possibilidade de uma relação infantil com o tempo. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 23, p. 1-33, 2019.

SIERRA BLAS, Veronica. Con el corazón en la mano. Cultura escrita, exilio y vida cotidiana en las cartas de los pobres de los niños de Morelia. *In*: CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Veronica. **Mis primeros pasos**: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglo XIX y XX). España: Ediciones Trea, 2008. p. 415-458.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

THIES, Vania Grim. Patrimônio do escrito: cadernos de usos não escolares e as contribuições para a cultura escrita. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 24, p. 1-27, 2020.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**. Madrid, Ediciones Morata, 2006.